

**NEBULOSAS**

**NARCISA AMÁLIA**

# NEBULOSAS

On donne le nom de Nébuleuses à des taches blanchâtres que l'on voit ça et là, dans toutes les parties du ciel.

**Delaunay**

# 1 – NEBULOSAS

No seio majestoso do infinito,  
— Alvos cisnes do mar da imensidade, —  
Flutuam tênues sombras fugitivas  
Que a multidão supõe densas caligens,<sup>2</sup>  
E a ciência reduz a grupos validos;<sup>3</sup>  
Vejo-as surgir à noite, entre os planetas,  
Como visões gentis a flux<sup>4</sup> dos sonhos;  
E as esferas que curvam-se trementes,  
Sobre elas desfolhando flores d'ouro,  
Roubam-me instantes ao sofrer recôndito!

Costumei-me a sondar-lhe os mistérios  
Desde que um dia a flâmula<sup>5</sup> da ideia  
Livre, ao sopro do gênio, abriu-me o templo  
Em que fulgura a inspiração em ondas;  
A seguir-lhes no espaço as longas clâmides<sup>6</sup>  
Orladas de incendidos meteoros;

E quando da procela<sup>7</sup> o tredo<sup>8</sup> arcanjo  
Desdobra n'amplidão as negras asas,  
Meu ser pelo teísmo desvairado  
Da loucura debruça-se no pélago<sup>9</sup>!

Sim! São elas a mais gentil feitura  
Que das mãos do Senhor há resvalado!  
Sim! De seus seios na dourada urna,  
A piedosa lágrima dos anjos,  
Ligeira se converte em astro esplêndido!  
No momento em que o mártir do calvário  
A cabeça pendeu no infame lenho,  
A voz do Criador, em santo arrojo,  
No macio frouxel<sup>10</sup> de seus fulgores  
Ao céu arrebatou-lhe o calmo espírito!

# 1 – NEBULOSAS

Mesmo o sol que nas orlas do oriente  
Livre campeia e sobre nós desata  
A chuva de mil raios luminosos,  
Nos lírios siderais do seu regaço  
Repousa a fronte e despe a rubra túnica!  
No constante volver dos vagos eixos,  
Os orbes<sup>11</sup> em parábolas se encurvam  
Bebendo alento no seu manso brilho!  
E o tapiz<sup>12</sup> movediço do universo  
Mais belo ondeia com seus prantos fúlgidos<sup>13</sup>!

E quantos infelizes não olvidam  
O horóscopo fatal de horrenda sorte,  
Se no correr das auras vespertinas

Seus seres vão pousar-lhe sobre a coma<sup>14</sup>,  
Que as madeixas enastram<sup>15</sup> do crepúsculo!  
Quanta rosa de amor não abre o cálix  
Ao bafejo inefável das quimeras  
No coração temente da donzela,  
Que, da lua ao clarão dourando as cismas,  
Lhes segue os rastros na cerúlea<sup>16</sup> abóbada?!...

Um dia no meu peito o desalento  
Cravou sangrenta garra; trevas densas  
Nublaram-me o horizonte, onde brilhava  
A matutina estrela do futuro.  
Da descrença senti os frios ósculos<sup>17</sup>;  
Mas no horror do abandono alçando os olhos  
Com tímida oração ao céu piedoso,  
Eu vi que elas, do chão do firmamento,  
Brotavam em lucíferos corimbos<sup>18</sup>  
Enlaçando-me o busto em raios mórbidos!

Oh! Amei-as então! Sobre a corrente  
De seus brandos, notívagos lampejos,  
Audaz librei-me<sup>19</sup> nas azuis esferas;  
Inclinei-me, de flamas circundada  
Sobre o abismo do mundo torvo e lúgubre!  
Ergui-me ainda mais: da poesia  
Desvendei as lagunas encantadas,  
E prelibei<sup>20</sup> delícias indizíveis  
Do sentimento nas caudais sagradas  
Ao clarão divinal do sol da glória!

# 1 – NEBULOSAS

Quando descí mais tarde, deslumbrada  
De tanta luz e inspiração, ao vale  
Que pelo espaço abandonei sorrindo,  
E senti calcinar-me as débeis plantas  
Do deserto as areias ardentíssimas;  
Ao fugir das cendais<sup>21</sup> que estende a noite  
Sobre o leito da terra adormecida,  
Fitei chorando a aurora que surgia!  
E — ave de amor — a solidão dos ermos  
Povoei de gorjeios melancólicos!...

Assim nasceram os meus tristes versos,  
Que do mundo falaz<sup>22</sup> fogem às pompas!  
Não dormem eles sob os áureos tetos  
Das térreas potestades<sup>23</sup>, que falecem  
De morbidez nos flácidos triclinios<sup>24</sup>!  
Cortando as brumas glaciais do inverno  
Adejam<sup>25</sup> nas estâncias consteladas  
Onde elas pairam; e à luz da liberdade  
Devassando os mistérios do infinito,  
Vão no sólio<sup>26</sup> de Deus rolar exânimes<sup>27</sup>!...

# 1 – NEBULOSAS

## Temática Central e Simbolismo

O poema constrói um diálogo constante entre o universo físico e o universo interior do eu lírico. As **“tênuas sombras fugitivas”** — provavelmente as nebulosas astronômicas — funcionam como ponto de partida para reflexões sobre o sublime, a criação divina e a função da poesia. A escolha da imagem astronômica remete tanto ao avanço da ciência no século XIX quanto à tradição romântica de olhar o cosmos como reflexo de grandezas espirituais.

O eu lírico se posiciona como alguém capaz de ver além do que **“a multidão supõe”** e do que **“a ciência reduz a grupos válidos”**, propondo que a verdadeira compreensão do universo é mais poética e espiritual que objetiva.

# 1 – NEBULOSAS

## Espiritualidade e Transcendência

A dimensão religiosa perpassa todo o texto, desde a atribuição das nebulosas como **“a mais gentil feitura que das mãos do Senhor há resvalado”** até a associação direta com a crucificação de Cristo:

**“no momento em que o mártir do calvário  
a cabeça pendeu no infame lenho...”**

O espaço sideral, nesse sentido, não é apenas belo, mas sagrado: um local onde **“a piedosa lágrima dos anjos”** se converte em **“astro esplêndido”**. O firmamento é visto como morada de consolo e inspiração, capaz de suavizar dores humanas e apagar **“o horóscopo fatal de horrenda sorte”**.



# 1 – NEBULOSAS

## A Experiência Pessoal do Eu Lírico

Há uma narrativa interna que mistura confissão e epifania. O poema mostra o eu lírico atravessando momentos de desalento e desencença, encontrando no contato com o céu uma força regeneradora.

**“Da desencença senti os frios ósculos”**

A partir desse encontro, nasce uma nova fase criativa — a poesia surge como fruto da contemplação e da elevação:

**“Assim nasceram os meus tristes versos,  
Que do mundo falaz fogem às pompas!”**

As nebulosas funcionam como metáfora de cura espiritual:

**“Brotavam em lucíferos corimbos  
Enlaçando-me o busto em raios mórbidos!”**



# 1 – NEBULOSAS

## Oposição Entre o Infinito e o Mundo Material

Seguindo um traço típico do Romantismo, o poema contrapõe o sublime do infinito à decadência terrena. Os **“áureos tetos / das térreas potestades”** e os **“flácidos triclinios”** simbolizam um luxo corrupto, perecível, incapaz de oferecer a elevação que o espírito encontra na contemplação celeste. Já as nebulosas e os **“orbes”** estão associados à liberdade, à pureza e ao conhecimento verdadeiro.

# VOTO

Ide ao menos de amor meus pobres cantos  
No dia festival em que ela chora,  
Com ela suspirar nos doces prantos!

**Álvares de Azevedo**

## 2 – VOTO

A viração<sup>74</sup> que brinca docemente  
No leque das palmeiras,  
Traga à tu'alma inspirações sagradas,  
Delícias feiticeiras.

A flor gazil<sup>75</sup> que expande-se contente  
Na gleba matizada  
Inveja-te a tranquila e leda<sup>76</sup> vida,  
Dos filhos sempre amada.

Só teus olhos roreje<sup>77</sup> délio<sup>78</sup> pranto  
De mística ternura;  
Como silfos de luz cerquem-se gozos,  
Enlace-te a ventura!

Os filhos todos submissos junquem<sup>79</sup>  
De rosas tua estrada;  
E curvem-se os espinhos sob os passos  
Da Mãe idolatrada!

Tais são as orações que aos céus envia  
A tua pobre filha;  
E Deus acolhe o incenso, embora emane  
De branca maravilha!

# 2 – VOTO

## Temática Central

“Voto” é um poema de tom afetivo e devocional, provavelmente dirigido à mãe do eu lírico. Sua função é expressar gratidão, carinho e desejos de felicidade, estruturando-se como uma espécie de bênção poética. O próprio título reforça essa ideia: o voto não é apenas uma promessa, mas também um desejo ardente dirigido a alguém querido.

A escolha de imagens ligadas à natureza — **“viração que brinca no leque das palmeiras”, “flor gazil”, “gleba matizada”** — aproxima o afeto humano da beleza natural, reforçando a pureza e a serenidade dessa relação.

# 2 – VOTO

## Afeto e Idealização da Figura Materna

O eu lírico constrói uma visão idealizada da destinatária, associando-a a uma vida **“tranquila e leda”** e cercada pelo amor constante dos filhos. A maternidade é celebrada não como sacrifício, mas como estado de honra e plenitude:

**“Os filhos todos submissos junquem  
De rosas tua estrada”.**

O poema também transmite o desejo de que essa figura materna seja poupada das dificuldades da vida, com imagens protetoras:

**“curvem-se os espinhos sob os passos  
Da Mãe idolatrada”.**

# 2 – VOTO

## Espiritualidade e Devoção

O caráter espiritual está presente no pedido que a **“pobre filha”** faz a Deus, elevando suas palavras como **“incenso”** ao céu. Essa metáfora do incenso evoca rituais religiosos, sugerindo que o amor filial é também uma forma de oração.

Mesmo a expressão **“embora emane de branca maravilha”** mantém essa pureza espiritual, associando a figura materna a algo imaculado.

# 2 – VOTO

## Imagens e Símbolos

O poema é rico em imagens leves e luminosas:

- **Natureza viva:** “**viração**”, “**palmeiras**”, “**flor gazil**” e “**gleba matizada**” transmitem frescor e vida;
- **Símbolos de ternura:** “**pranto de mística ternura**” e “**silfos de luz**” evocam o etéreo, o delicado;
- **Proteção e caminho:** “**junquem de rosas tua estrada**” e “**espinhos que se curvam**” remetem à suavização das dificuldades.

Essas imagens constroem um universo ideal, afastado de qualquer conflito ou dor — a harmonia da natureza serve como metáfora para a harmonia familiar desejada.



# SAUDADES

Meus funerários gemidos  
Vão legando à imensidade  
Um vasto arcano — a tristeza  
Um canto eterno — a saudade

**Carlos Ferreira**

# 3 – SAUDADES

Tenho saudades dos formosos lares  
Onde passei minha feliz infância  
Dos vales de dulcíssima fragrância;  
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida! Inda me lembro  
Quando através das névoas do ocidente  
O sol nos acenava adeus languente<sup>1</sup>  
Nas balsâmicas tardes de Setembro;

Lançava-me correndo na avenida  
Que a laranjeira enchia de perfumes!  
Como escutava trêmula os queixumes  
Das auras na lagoa adormecida!

Eu era de meu pai, pobre poeta,  
O astro que o porvir lhe iluminava;  
De minha mãe, que louca me adorava,  
Era na vida a rosa predileta!...

Mas...

... tudo se acabou. A trilha olente<sup>2</sup>  
Não mais percorrerei desses caminhos...  
Não mais verei os míseros anjinhos  
Que aqueciam na minha a mão algente!

Correi, ó minhas lágrimas sentidas,  
Do passado no rório<sup>3</sup> sudário;  
Bem longe está o cimo do Calvário  
E já as plantas sinto tão feridas!...

Ai! Que seria do mortal aflito  
Que tomba exangue<sup>4</sup> à provocação  
cruenta,  
Se no marco da estrada poeirenta  
Não divisasse os gozos do infinito?!...

Abrem-me n'alma as dores da saudade  
Um sulco de profundas agonias...  
Morreram-me pra sempre as alegrias...  
Só me resta um consolo... a eternidade!

# 3 – SAUDADES

## Temática Central

O poema aborda a **saudade como experiência existencial**, evocando lembranças da infância e do lar perdido. A saudade aqui não é apenas nostalgia, mas uma dor profunda, quase fúnebre, como sugere o epígrafe de Carlos Ferreira: **“Um canto eterno — a saudade”**.

O eu lírico recorda **“os formosos lares / onde passei minha feliz infância”**, construindo um contraste entre a plenitude de outrora e a solidão do presente.

# 3 – SAUDADES

## Memória e Idealização da Infância

A primeira parte do poema é marcada pela idealização do passado, com imagens sensoriais que despertam o cenário infantil:

- **Visual e olfativo:** “**Da fresca sombra dos gentis palmares**” e “**Que a laranjeira enchia de perfumes**”;
- **Auditivo:** “**os queixumes / Das auras na lagoa adormecida**”.

Essas imagens compõem um **paraíso perdido** — um lugar protegido, ligado à figura paterna e materna. O eu lírico descreve a si mesmo como o “**astro**” para o pai e a “**rosa predileta**” para a mãe. Essa idealização das figuras paternas e do amor familiar é um elemento muito forte na poesia romântica, que frequentemente associa a infância a um paraíso perdido.

# 3 – SAUDADES

## Ruptura e Perda

O tom muda bruscamente após o **“Mas...”**, ponto de virada que marca o rompimento definitivo com esse mundo ideal. A lembrança dá lugar à consciência da impossibilidade de retorno.

**Perda da inocência:** **“... tudo se acabou. A trilha olente / Não mais percorrerei desses caminhos...”**. A **"trilha olente"** (o caminho perfumado da infância) não pode mais ser percorrida.

**Perda dos entes queridos:** A frase **"não mais verei os míseros anjinhos / Que aqueciam na minha a mão algente!"** sugere a morte ou o afastamento de pessoas queridas, reforçando a perda afetiva e espiritual.

**Sufrimento presente:** A dor é tão grande que o eu lírico compara sua jornada atual ao **"cimo do Calvário"**, uma referência ao sofrimento de Cristo. As **"plantas tão feridas"** simbolizam o peso e a dor da vida.

# 3 – SAUDADES

## Dor, fé e resignação

A dor causada pela saudade é apresentada como ferida viva:

**“Abrem-me n’alma as dores da saudade  
Um sulco de profundas agonias...”**

No entanto, o poema não se encerra em desespero; Se conclui de forma sombria, mas com um lampejo de luz na crença ultrarromântica na morte. A morte não é o fim, mas a libertação. A eternidade é o único **"consolo"** que resta ao poeta. É o escape do sofrimento terreno, o reencontro com o paraíso perdido da infância e, possivelmente, com seus entes queridos. Esse recurso é típico do Romantismo religioso, em que a transcendência oferece sentido diante da perda.

# LINDA

Her beauty raineth down flamelets of fire,  
Animate with a noble, gracious spirit,  
Which is creator of each virtuous thought.

**Maria Rossetti**



Vem, tímida criança,  
Rosada, loura e mansa  
Qual chama matutina  
De túbio resplendor;  
Vem, quero a tez rubente  
Da face transparente,  
E a boa peregrina,  
Beijar-te com fervor!

Teus mádidos<sup>86</sup> cabelos,  
Undosos<sup>87</sup>, finos, belos,  
Em áurea e doce teia  
Enlaçam-me o olhar;  
Da primavera os lumes  
Em lúcidas cardumes,  
No anel que solto ondeia  
Vão ternos cintilar!

Teu colo alvinintente<sup>88</sup>  
S'encurva levemente,  
Qual pende na ribeira  
O lótus do cetim;

Se a lua além s'inflama  
De vaga e breve flama,  
Resvalas mais ligeira  
Na relva do jardim!

Escuta: À beira d'água  
A flor vinga entre a frágua<sup>89</sup>,  
E a tela delicada  
Se tinge à luz do sol;  
O mágico perfume  
Que o cálice resume,  
A pétala nacarada,  
Inveja-lhe o arrebol<sup>90</sup>.

Mas vem de trega enchente  
A férvida torrente  
Em turbilhão raivoso  
Ao longe a rouquejar,  
E a rubra flor da margem —  
Pendida na voragem<sup>91</sup>,  
No pego tenebroso  
Fanada<sup>92</sup> vai rolar!

Ai! zela a rosa pura  
De tua formosura  
Que o lábio mercenário  
Do mundo, não manchou  
Sê como a sensitiva  
Que se retrai esquiva  
Se o vento louco e vário  
As folhas lhe osculou.

Porém, essa beleza  
Que deu-te a natureza,  
Desmaiara um dia  
Aos gelos hibernais;  
E a uma vez perdida  
Nos vendavais da vida,  
A flux da fantasia  
Não surgirá jamais!

Ó! zela mais ainda  
A flor celeste é linda  
Da tua alma de virgem,  
— Teu primitivo amor!

Da divinal bondade  
A meiga potestade,  
Se acolhe de vertigem  
Nas mãos do Criador!

Atende! A mão mimosa  
Dirige pressurosa<sup>93</sup>  
Ao pobre, agonizante,  
À sombra do hospital!  
Ao mesto<sup>94</sup> encarcerado  
Do olhar do sol privado,  
Abranda um só instante,  
O agror<sup>95</sup> da lei fatal!...

Prossegue, etérea lira,  
Nas cordas de safira  
As harmonias cérulas<sup>96</sup>  
Dos risos infantis!

E ao desgraçado em prantos  
Dá mil colares santos,  
Não de mundanas pérolas,  
De lágrimas gentis!...

# 4 – LINDA

## Temática Central

O poema é um **elogio e advertência** a uma jovem de rara beleza, unindo a contemplação estética a um aconselhamento moral. O eu lírico não apenas descreve a aparência delicada da jovem — **“Rosada, loura e mansa / Qual chama matutina de túbio resplendor”** —, mas também alerta para a fragilidade efêmera dessa beleza e para a necessidade de cultivar virtudes espirituais.

# 4 – LINDA

## A Celebração da Inocência e da Beleza

O eu lírico começa convidando a criança a se aproximar, descrevendo sua beleza com imagens delicadas e luminosas:

**Aparência:** A criança é comparada a uma "**chama matutina**", com cabelos "**mádidos**" e "**áurea e doce teia**". A pele é "**rubente**" e "**transparente**".

**Movimento:** Ela se move levemente, como o "**lótus do cetim**" na ribeira e, mais ligeira, na "**relva do jardim**".

**Inocência:** Toda a descrição é idealizada, focada na pureza e na fragilidade da criança, que é vista como um ser quase etéreo.

# 4 – LINDA

## A Advertência sobre os Perigos do Mundo

Aqui, o tom muda abruptamente. A beleza descrita na primeira parte é usada como metáfora para a fragilidade da inocência diante dos perigos da vida.

- **Metáfora da flor:** A flor que "**vinga entre a frágua**" e se tingem à luz do sol é a metáfora da beleza da criança. Mas essa flor está à beira de uma "**férvida torrente**" que vem para levá-la. A "**voragem**" (redemoinho) e o "**pego tenebroso**" (abismo escuro) representam os perigos e as tentações do mundo.
- **Os conselhos:** O eu lírico alerta a criança a proteger sua "**formosura**" do "**lábio mercenário do mundo**". A comparação com a sensitiva ("**que se retrai esquivada**") é um apelo para que a criança seja prudente, se proteja e não se deixe tocar pelos "**ventos loucos**" da vida.
- **A efemeridade da beleza:** Há um lamento sobre a certeza de que a beleza física "**desmaiara um dia**". A "**beleza**" é uma flor que será destruída pelos "**gelos hibernais**" e pelos "**vendavais da vida**", e jamais retornará.

# 4 – LINDA

## A Exortação à Beleza Espiritual

O poema conclui com uma mensagem moral e espiritual, que é o verdadeiro ponto central da obra. O eu lírico diz que a criança deve zelar por algo muito mais importante do que sua beleza física:

O **"primitivo amor"**: A flor que realmente importa é a **"flor celeste e linda da tua alma de virgem"**, o **"primitivo amor"** da alma. Esta é a bondade e a inocência intrínsecas, que, ao contrário da beleza física, não se perdem, mas são acolhidas nas **"mãos do Criador"**.

**Caridade e Compaixão**: A beleza da alma se manifesta através de ações. O conselho final é para que a criança estenda a mão ao **"pobre, agonizante"** e ao **"mesto encarcerado"**, aliviando a dor dos outros. As **"harmonias cérulas"** da sua lira e os **"mil colares santos"** devem ser feitos não de **"pérolas"** mundanas, mas de **"lágrimas gentis"** de compaixão.

# AFLITA

Per lui solo affido sull'ali dei venti  
Il suon lusinghiero di garruli accenti!  
Deh riedi, deh riedi!... mi stringe al tuo cor  
E giorni beati — vivremo d'amor!

**Il Guarany**



# 5 – AFLITA

Desde a hora fatal em que partiste,  
Turbou-se para mim o azul do céu!  
Velei-me na mantilha<sup>98</sup> da tristeza,  
Como Safo na espuma do escarcéu!

Até então o arcanjo da procela  
Não enlutara o lago das quimeras,  
Onde minh'alma, garça langorosa,<sup>99</sup>  
Brincava à luz de etéreas primaveras.

Mas um dia atraindo ao vasto peito  
Minha pálida fronte de criança,  
Murmuraste tremendo: — “Parto em breve;  
Mas não te aflijas, voltarei, descansa!”

Ai! Que epopeia túrgida de lágrimas  
Na comoção daquela despedida!  
Eu soluçava envolta em véu de prantos:  
“Quando voltares, já serei sem vida!”

Desde então, comprimindo atrás angústias,  
Vou te esperar à beira do caminho;  
Voltam cantando ao sol as andorinhas,  
Só tu não volves ao deserto ninho!...

Quando a tribo inquieta das falenas<sup>100</sup>  
Liba<sup>101</sup> filtros nas clícias<sup>102</sup> da campina,  
Busco da redenção o augusto símbolo,  
E faleço de amor como Corina!

Pois bem! Se enfim voltares desse exílio,  
Ave errante, fugindo à quadra hiberna,  
Vem à sombra do val: sob os ciprestes  
Comigo fruirás ventura eterna!



# 5 – AFLITA

## Temática Central

O poema é uma **canção de espera e dor amorosa**, em que a voz feminina se dirige a um amado ausente. A obra alterna **lembrança, sofrimento presente e esperança ambígua** (que, no final, se mistura com a ideia de reencontro na morte). Logo no início, a partida é apresentada como um marco que transforma a vida da narradora:

**“Desde a hora fatal em que partiste,  
Turbou-se para mim o azul do céu!”**

O **“azul do céu”** — símbolo de paz e felicidade — é substituído por uma atmosfera de tristeza e luto.

# 5 – AFLITA

## A Cena da Despedida

O momento em que o amado anuncia a partida é marcado por intensidade dramática:

**“Ai! Que epopeia túrgida de lágrimas  
Na comoção daquela despedida!”**

O uso da palavra **“epopeia”** dá dimensão grandiosa a um episódio íntimo, reforçando o sentimentalismo romântico. A promessa de retorno (**“voltarei, descansa!”**) contrasta com a resposta fatalista da narradora:

**“Quando voltares, já serei sem vida!”**

Esse diálogo encapsula todo o conflito — esperança versus desesperança.

# 5 – AFLITA

## A Espera Frustrada

A imagem das **“andorinhas”** voltando ao ninho é contraposta à ausência do amado:

**“Voltam cantando ao sol as andorinhas,  
Só tu não volves ao deserto ninho!”**

A comparação sublinha que a natureza mantém seus ciclos, mas a história de amor permanece interrompida. O **“deserto ninho”** simboliza tanto a casa quanto o coração da narradora.

# 5 – AFLITA

## Referências Literárias e Simbólicas

A poeta recorre a imagens eruditas e referências clássicas:

- **“Faleço de amor como Corina”** → Recorre a Corina, poetisa da Grécia Antiga

Essa evocação une Narcisa Amália às vozes femininas clássicas, reforçando sua filiação a uma linhagem de mulheres que sofrem e escrevem, legitimando sua posição como autora num século em que a voz feminina ainda lutava por espaço.

Essas referências reforçam a ideia de amor como destino fatal e inserem a narradora numa linhagem de mulheres marcadas pelo sofrimento amoroso.

# 5 – AFLITA

## O Desfecho

O final dá ao reencontro um tom ambíguo, que pode ser tanto romântico quanto macabro:

**“Vem à sombra do val: sob os ciprestes  
Comigo fruirás ventura eterna!”**

Os **“ciprestes”** — árvores associadas a cemitérios — indicam que a ventura eterna se dará após a morte. A espera, portanto, não é apenas por um retorno físico, mas por uma união no além, o que aproxima o poema do romantismo ultra-sentimental e do culto à morte típico do século XIX.

# ASPIRAÇÃO

A uma menina

Folga e ri no começo da existência,  
Borboleta gentil!

**Gonçalves Dias**

## 6 – ASPIRAÇÃO

Os lampejos azuis de teus olhos  
Fazem n'alma brotar a esperança;  
Dão venturas, ó meiga criança,  
— Flor celeste no mundo entre abrolhos!<sup>103</sup> —

Ora pendes a fronte na cisma,  
Fatigada dos jogos, contente,  
E mil sonhos, formosa inocente,  
Fantasias às cores do prisma;

Ora voas ligeira entre clícias  
Sacudindo fulgores, anjinho;  
E o favônio<sup>104</sup> te envia um carinho,  
E as estrelas te ofertam blandícias!...<sup>105</sup>

Mas se pende dos fúlgidos cílios  
Alva pérola que a face te rora,  
De teus lábios, na fala sonora,  
Chovem, rolam sublimes idílios!

De tua boca na rubra granada  
Caem santos mil beijos felizes!  
Tuas asas de lindos matizes,  
Ah! não rasgues do vício na estrada!



# 6 – ASPIRAÇÃO

## Epígrafe e Tom Inicial

O poema se abre com uma epígrafe de **Gonçalves Dias**:

**“Folga e ri no começo da existência,  
Borboleta gentil!”**

Esse verso prepara o tom: a vida infantil é comparada a uma borboleta — leve, graciosa, frágil. Ao escolher Gonçalves Dias, Narcisa Amália se filia à tradição romântica nacional, ao mesmo tempo em que desloca o foco do amor passionai (presente em outros poemas seus) para a **pureza da infância**.

# 6 – ASPIRAÇÃO

## A Infância como Esperança

A criança é apresentada como portadora de esperança:

**“Os lampejos azuis de teus olhos  
Fazem n’alma brotar a esperança;”**

O olhar infantil é visto como **fonte regeneradora**, capaz de devolver confiança a um mundo **“entre abrolhos”** (isto é, repleto de espinhos). Aqui, a inocência infantil surge como contraponto à dureza da vida adulta.

# 6 – ASPIRAÇÃO

## Oscilação entre Repouso e Movimento

A poeta alterna imagens da criança em descanso e em brincadeira:

“Ora pendes a fronte na cisma,  
Fatigada dos jogos, contente,  
E mil sonhos, formosa inocente,  
Fantasias às cores do prisma;”

“Ora voas ligeira entre clíCIAS  
Sacudindo fulgores, anjinho;”

A alternância sugere que a infância é tanto **reflexão sonhadora** quanto **movimento lúdico**, o que reforça a vitalidade e a riqueza simbólica dessa fase da vida.

# 6 – ASPIRAÇÃO

## Natureza como Cenário de Pureza

Assim como em outros poemas de Narcisa Amália, a natureza acompanha e engrandece a cena:

**“E o favônio te envia um carinho,  
E as estrelas te ofertam blandícias!...”**

O **“favônio”** (vento suave) e as estrelas agem como cúmplices da infância, como se o próprio universo celebrasse a inocência.

# 6 – ASPIRAÇÃO

## Emoção e Espiritualidade

A poeta também associa as lágrimas infantis à pureza espiritual:

**“Mas se pende dos fúlgidos cílios  
Alva pérola que a face te rora...”**

A **“pérola”** que escorre é lágrima, mas é ressignificada como joia, elevando o choro da criança à categoria de **sagrado**. Essa leitura se confirma quando ela acrescenta:

**“De teus lábios, na fala sonora,  
Chovem, rolam sublimes idílios!”**

Até a fala da criança é poesia espontânea, prova de sua natureza angelical.

# 6 – ASPIRAÇÃO

## Advertência Final

O fecho do poema rompe a atmosfera idílica com um alerta:

**“Tuas asas de lindos matizes,  
Ah! não rasgues do vício na estrada!”**

Aqui, a inocência infantil é contraposta à ameaça do futuro. O mundo adulto, marcado pelo **“vício”**, pode corromper essa pureza, e o eu lírico expressa uma súplica: que a menina não perca suas asas coloridas ao atravessar a estrada da vida.

Esse final dá ao poema uma dimensão moralizante, comum no Romantismo, mas aqui com um toque **maternal e protetor**, característico da voz feminina de Narcisa Amália.

# CONFIDÊNCIA

A Joanna de Azevedo

De mais a mais se apertam nossos laços,  
A essência... oh! que me importa, estás presente  
Em toda a parte onde dirija os passos.

**Fagundes Varela**

# 7 – CONFIDÊNCIA

Pensas tu, feiticeira, que te esqueço;  
Que olvido<sup>106</sup> nossa infância tão florida;  
Que as tuas meigas frases nego apreço...

Esquecer-me de ti, minha querida!?...  
Posso acaso esquecer a luz divina  
Que rebrilha nas trevas desta vida?

Era esquecer a lúcida neblina,  
Que nas gélidas orlas de seu manto,  
Extingue a febre que meu ser calcina.<sup>107</sup>

Esquecer o orvalho puro e santo,  
Que à campânula<sup>108</sup> curva à calma ardente,  
Dá mais viço e fulgor, dá mais encanto.

Esquecer o cristal liso ou trememente  
Que me retrata a fronte pensativa!  
Esquecer-me de ti, anjo temente!...

Ouço-te a voz na langue patativa<sup>109</sup>  
Que em trinos desfalece ao vir do inverno:  
— Contemplo-te na mimosa sensitiva.

Sem ti não temo sol um raio terno;  
Contigo o mundo tredo — é paraíso,  
E a taça do viver tem mel eterno!

Oh! envia-me ao menos um sorriso!  
Dá-me um sonho dos teus dourado e belo,  
Que bem negro porvir além diviso!  
Que a existência sem ti, é um pesadelo!...



# 7 – CONFIDÊNCIA

## Epígrafe e Contexto

O poema abre com uma epígrafe de Fagundes Varela:

**“De mais a mais se apertam nossos laços,  
A essência... oh! que me importa, estás presente  
Em toda a parte onde dirija os passos.”**

Essa escolha já anuncia a **temática da amizade** e do afeto espiritual. Diferentemente dos poemas de cunho amoroso (Aflita) ou moral (Aspiração), aqui o tom é de **ternura íntima**, dirigido a Joanna de Azevedo, companheira intelectual de Narcisa Amália.

# 7 – CONFIDÊNCIA

## A Negação do Esquecimento

O poema começa refutando a possibilidade de esquecimento:

**“Pensas tu, feiticeira, que te esqueço;  
Que olvido nossa infância tão florida; (...)  
Esquecer-me de ti, minha querida!?”**

A repetição de **“esquecer”** com sucessivas negativas confere **enfático tom de fidelidade**. A amizade é apresentada como força duradoura, impossível de apagar, mesmo diante do tempo.

# 7 – CONFIDÊNCIA

## A Amiga como Elemento Vital

A relação é elevada a um plano quase **sagrado e natural**:

**“Era esquecer o orvalho puro e santo,  
Que à campânula curva à calma ardente,  
Dá mais viço e fulgor, dá mais encanto.”**

Assim, a amiga é comparada ao orvalho que dá frescor à flor ou ao cristal que reflete a fronte pensativa. São imagens da **natureza em equilíbrio**, em que Joanna aparece como força regeneradora e purificadora.

# 7 – CONFIDÊNCIA

## Interpenetração entre Voz, Natureza e Afeto

A presença da amiga não se limita à lembrança: ela é sentida em elementos da natureza e da música:

**“Ouço-te a voz na langue patativa  
Que em trinos desfalece ao vir do inverno:  
— Contemplo-te na mimosa sensitiva.”**

A amiga é, ao mesmo tempo, **som** (pássaro), **flor** (sensitiva) e **luz**. A multiplicação das metáforas revela o caráter **onipresente** dessa amizade, que ultrapassa o plano humano para se fundir com a poesia da natureza.

# 7 – CONFIDÊNCIA

## O Paraíso da Amizade

O eu lírico afirma que a amiga transforma a existência:

**“Contigo o mundo tredo — é paraíso,  
E a taça do viver tem mel eterno!”**

Aqui, a amizade é fonte de **transfiguração existencial**: o mundo escuro (“**tredo**”) converte-se em paraíso, e a vida amarga em “**mel eterno**”.

# 7 – CONFIDÊNCIA

## A Súplica Final

Apesar do tom celebrativo, o poema encerra-se com uma nota de angústia:

**“Oh! envia-me ao menos um sorriso!  
Dá-me um sonho dos teus dourado e belo,  
Que bem negro porvir além diviso!”**

O pedido de um sorriso ou de um sonho funciona como **apoio espiritual** diante da ameaça de um futuro sombrio. A amizade, portanto, não é apenas lembrança: é necessidade vital, resistência contra o **“pesadelo”** da existência.

# DESENGANO

Antes d'espírar el día,  
Vi morir a mi esperanza.

**Zarate**

## 8 – DESENGANO

Quando resvala a tarde na alfombra<sup>111</sup> do poente  
E o manto do crepúsculo se estende molemente;  
Na hora dos mistérios, dos gozos divinais  
Despedaçam-me o peito martírios infernais;  
E sinto que, seguindo uma ilusão perdida,  
Me arqueja, treme e expira a lâmpada da vida!

Feriu-me os olhos tímidos o brilho da esperança,  
A luz do amor crestou-me o riso de criança;  
E quando procurei — sedenta — uma ventura,  
Aberta vi a fauce<sup>112</sup> voraz da sepultura!...  
Dilacerou-me o seio, matou-me a crença bela,  
O tufão mirrador<sup>113</sup> de hórrida<sup>114</sup> procela!

Então pálida e triste, alcei a fronte altiva  
Onde se estampa a dor tenaz que me cativa;  
Sorvi na taça amarga o fel do sofrimento,  
E a voz queixosa ergui num último lamento:  
Era o cantar do cisne, o brado da agonia...  
E a multidão passou soberba, muda, fria!

Desprezo as pompas loucas, desprezo os esplendores,  
Trilhar quero um caminho orlado só de dores;  
E além, nas solidões, à sombra dos palmares,  
Ao derivar da linfa por entre os nenúfares,<sup>115</sup>  
Quero ver palpitar, como em meu crânio a ideia,  
O inseto friorento na lânguida ninfeia!

Ao despertar festivo da alegre natureza,  
Quero colher as clícias que brincam na devesa;<sup>116</sup>  
Sentir os raios ígneos da luz do sol de Maio  
Reanimar-me a vida que foge num desmaio;  
Pousar um longo beijo nas rubras maravilhas  
E contemplar do céu as vaporosas ilhas.

E quando o ardor latente que cresta a minha fronte  
Ceder à neve algente que touca o negro monte;  
Quando a etérea asa da brisa fugitiva  
Trouxer-me os castos trenos da terna patativa,  
Elevarei meus carmes<sup>117</sup> ao Ser que criou tudo,  
E dormirei sorrindo num leito ignoto e mudo.



# 8 – DESENGANO

## Epígrafe e Tom Inicial

O poema abre com uma epígrafe em espanhol:

**“Antes d’expirar el día,  
Vi morir a mi esperanza.”**

Já no início, anuncia-se o tom de **desencanto**: a esperança morre antes mesmo do fim do dia. Essa atmosfera melancólica será desenvolvida ao longo de todo o texto, onde a voz lírica oscila entre dor existencial e busca de transcendência

# 8 – DESENGANO

## O Crepúsculo como Metáfora da Perda

A primeira estrofe associa o pôr do sol à morte das ilusões:

**“Quando resvala a tarde na alfombra do poente  
(...)**

**Me arqueja, treme e expira a lâmpada da vida!”**

A imagem do **crepúsculo** (fim do dia) reflete o **declínio interior** do eu lírico, cuja vida se apaga como uma chama frágil. O **tempo da natureza** é espelho da **condição da alma**.

# 8 – DESENGANO

## Destruição da Inocência e da Fé

A experiência amorosa aparece como algo devastador:

**“Feriu-me os olhos tímidos o brilho da esperança,  
A luz do amor crestou-me o riso de criança.”**

Aqui, a esperança e o amor, em vez de redenção, são forças que corrompem e destroem. O amor “cresta” (queima) a inocência, deixando apenas a sensação de **perda irreparável**.

# 8 – DESENGANO

## O Canto do Cisne: Dor e Incompreensão Social

O poema atinge seu ápice trágico no lamento:

**“Era o cantar do cisne, o brado da agonia...  
E a multidão passou soberba, muda, fria!”  
A luz do amor crestou-me o riso de criança.”**

A metáfora do **canto do cisne** associa o eu lírico à ideia de um **último cântico antes da morte**. O contraste com a “multidão soberba, muda, fria” revela a solidão e a indiferença do mundo diante do sofrimento íntimo.

# 8 – DESENGANO

## A Fuga para a Natureza

Após a dor, surge um desejo de **refúgio no natural**:

**“E além, nas solidões, à sombra dos palmares,  
Ao derivar da linfa por entre os nenúfares,  
Quero ver palpitar (...) o inseto friorento na lânguida ninfeia!”**

Aqui, a poeta recorre ao **romantismo naturalista**, buscando na paisagem o espaço para projetar sentimentos. O inseto frágil na flor aquática funciona como **espelho de sua própria fragilidade**.

# 8 – DESENGANO

## Transição da Dor para a Transcendência

O final do poema retoma a espiritualidade:

**“Elevarei meus carmes ao Ser que criou tudo,  
E dormirei sorrindo num leito ignoto e mudo.”**

Depois da amargura e da solidão, a morte é vista como **descanso e reconciliação** com o divino. A experiência humana de dor encontra solução no **silêncio da eternidade**, transformando a morte em alívio.

# DESALENTO

Présago el corazón bate em mi pecho!

**Martínez de La Rosa**

## 9 – DESALENTO

Adeus, lendas de amor, dourados sonhos  
De meu cérebro enfermo;  
Adeus, de fantasia, ó lindas flores,  
Rebentadas no ermo.

Um dia, da quimera no regaço,  
Adormeci sorrindo;  
E os astros, lá no empíreo<sup>119</sup> debruçados,  
Verteram brilho infindo...

Como a flux da onda egeia um divo canto  
De Homero, o bardo cego,  
Resvalei da paixão nas vagas fúlgidas,  
De esplendores num pego!...

Mas depois... densa nuvem desenhou-se  
Na safira do céu,  
E a ledice<sup>120</sup> infantil fugiu tremendo  
Ao futuro escarcéu!

Por que deixas, ó Deus, que o gelo queime  
Minh'alma, planta fria?!...  
Cedo descansarei (que importa?) os membros  
Na penumbra sombria.

Onde a roxa saudade funerária  
Enlaça-me ao cipreste;  
Onde a lua, chorosa peregrina,  
Derrama a luz celeste!

A vós, lendas de amor, sombras queridas  
Dos devaneios meus;  
A vós que me embalaste a adolescência,  
Meu pranto e eterno adeus!...



# 9 – DESALENTO

## A Epígrafe e o Presságio da Dor

O poema abre com a epígrafe de Martínez de La Rosa:

**“Présago el corazón bate em mi pecho!”**

A escolha já anuncia o **sentimento de pressentimento doloroso**. O coração bate, mas não pela vida: é um **tremor de angústia**, o prelúdio da desilusão.

# 9 – DESALENTO

## Adeus às Ilusões e ao Amor

Logo nos primeiros versos, há uma despedida das fantasias juvenis:

**“Adeus, lendas de amor, dourados sonhos  
De meu cérebro enfermo;  
Adeus, de fantasia, ó lindas flores,  
Rebentadas no ermo.”**

O tom de **renúncia** é claro: a vida interior, antes plena de sonhos, agora se encontra marcada pela esterilidade (“flores rebentadas no ermo”). O amor deixa de ser promessa e se torna apenas **memória de um tempo perdido**.

# 9 – DESALENTO

## O Passado Idealizado

Apesar da despedida, a lembrança da juventude ainda aparece como um refúgio:

**“Um dia, da quimera no regaço,  
Adormeci sorrindo;  
E os astros, lá no empíreo debruçados,  
Verteram brilho infindo...”**

Aqui, Narcisa Amália recria o passado como um instante de **harmonia cósmica**, em que o sonho pessoal estava em sintonia com o universo. O brilho dos astros traduz a sensação de plenitude que o eu lírico experimentou um dia.

# 9 – DESALENTO

## A Queda e a Perda da Inocência

O contraste se instala logo depois:

**“Mas depois... densa nuvem desenhou-se  
Na safira do céu,  
E a ledice infantil fugiu tremendo  
Ao futuro escarcéu!”**

A transição é brusca: da luminosidade sideral para a **nuvem sombria**. A infância (“ledice infantil”) cede lugar à consciência amarga do futuro. Essa mudança mostra a passagem do **sonho romântico para o desencanto existencial**.

# 9 – DESALENTO

## Dor Espiritual e Desejo de Repouso

A dor é expressa como uma contradição física e espiritual:

**“Por que deixas, ó Deus, que o gelo queime  
Minh’alma, planta fria?!...”**

A imagem paradoxal do **“gelo que queima”** intensifica o sofrimento: a alma, comparada a uma planta, é incapaz de florescer no frio. Daí nasce o desejo de repouso na morte:

**“Cedo descansarei (que importa?) os membros  
Na penumbra sombria.”**

Aqui, a morte aparece não como tragédia, mas como **alívio inevitável** para o espírito cansado.

# 9 – DESALENTO

## A Atmosfera Fúnebre e a Saudade

A morte é emoldurada por imagens típicas do romantismo:

**“Onde a roxa saudade funerária  
Enlaça-me ao cipreste;  
Onde a lua, chorosa peregrina,  
Derrama a luz celeste!”**

O espaço fúnebre é pintado com **tons líricos e melancólicos**: o cipreste, árvore dos cemitérios, e a lua, personificada como peregrina chorosa. É a cena romântica da **morte como poesia**.

# 9 – DESALENTO

## A Despedida Definitiva

O poema encerra-se num adeus dramático:

**“A vós, lendas de amor, sombras queridas  
Dos devaneios meus;  
A vós que me embalaste a adolescência,  
Meu pranto e eterno adeus!...”**

Esse fecho sintetiza o percurso do eu lírico: da memória dos sonhos à despedida definitiva. A vida adulta é marcada pela **irrecuperável perda da juventude** e pelo predomínio do luto.

# AGONIA

Je meurs, et sur ma tombe, où lentement j'arrive,  
Nul ne viendra verser des pleurs.

**Gilbert**



# 10 – AGONIA

Como vergam as lindas açucenas  
As pétalas alvejantes  
Quando voam do sul as brumas frias;  
Quando rola o trovão nas serranias  
Com os raios coruscantes;<sup>122</sup>

Como a rola das selvas, trespassada  
De mortífera seta  
Despedida por bárbaro selvagem,  
Que a débil fronte inclina e cai à margem  
Da lagoa diletta;

Como a estrela gentil de um céu risonho,  
Luzindo aos pés de Deus;  
Que pouco a pouco triste empalidece,  
E cada vez mais pálida falece  
Envolta em negros véus,

Como a gota de mel que entorna a aurora  
Na trêmula folhagem,  
E brilha e fulge ao prisma de mil cores;  
Que depois desaparece aos esplendores  
Da dourada voragem;<sup>123</sup>

Assim foram-se as rosas de meu peito  
Sem os rocios<sup>124</sup> de outono...  
Vejo apenas a palma do martírio  
Convidando-me a ir à luz do círio  
Dormir o eterno sono.

# 10 – AGONIA

## A Epígrafe e a Solidão da Morte

O poema abre com versos de Gilbert:

**“Morro, e sobre minha tumba, aonde lentamente chego,  
Ninguém virá derramar lágrimas.”**

Essa citação antecipa o **isolamento do eu lírico diante da morte**, reforçando o tom de abandono e a percepção da existência como um caminho solitário.

# 10 – AGONIA

## O Jogo de Comparações Naturais

O poema se estrutura em comparações sucessivas que aproximam o eu lírico da morte. Cada imagem natural traduz o processo de extinção da vida:

**As flores fragilizadas pelo frio:**

**“Como vergam as lindas açucenas  
As pétalas alvejantes  
Quando voam do sul as brumas frias...”**

Aqui, a delicadeza das açucenas simboliza a fragilidade do corpo diante da decadência inevitável.

**O animal ferido pela violência:**

**“Como a rola das selvas, trespassada  
De mortífera seta  
Despedida por bárbaro selvagem...”**

A rola agonizante encarna a dor física e a vulnerabilidade, ampliando o campo imagético da morte.

# 10 – AGONIA

## O Jogo de Comparações Naturais

A estrela que se apaga no céu:

**“Como a estrela gentil de um céu risonho...  
Que pouco a pouco triste empalidece,  
E cada vez mais pálida falece  
Envolta em negros véus.”**

Essa imagem espiritualiza o processo: a morte não é só decadência física, mas também apagamento cósmico, como se o eu lírico fosse uma estrela que some no infinito.

O orvalho efêmero:

**“Como a gota de mel que entorna a aurora  
Na trêmula folhagem...  
Que depois desaparece aos esplendores  
Da dourada voragem.”**

Aqui, o foco está na transitoriedade da beleza: o instante radiante logo é absorvido pela “voragem dourada” do sol, metáfora do tempo devorador.

# 10 – AGONIA

## A Interiorização da Perda

Depois de tantas comparações externas, o eu lírico volta-se para si:

**“Assim foram-se as rosas de meu peito  
Sem os rocios de outono...”**

As **“rosas”** simbolizam tanto a vitalidade quanto o amor ou a esperança que já se perderam. O peito, sem os **“rocios de outono”** (chuvas que revigorariam), é um campo estéril, incapaz de renovar-se.

# 10 – AGONIA

## A Aceitação do Martírio e do Repouso

O poema culmina em uma entrega resignada:

**“Vejo apenas a palma do martírio  
Convidando-me a ir à luz do círio  
Dormir o eterno sono.”**

Aqui, a morte é vista como **martírio redentor**: a palma, símbolo cristão de sacrifício e vitória espiritual, aponta para a morte como alívio. O “círio” (vela litúrgica) remete ao ritual funerário e ao descanso sagrado, transformando o fim em **ato de transcendência religiosa**.

**OBRIGADO PELA**

**ATENÇÃO!**